O TRICENTENARIO DO CEARÁ

1603-1903

(Do «Jornal do Recife»).

Ao alvorecer do dia de hoje a risonha e pittoresca cidade de Fortaleza afestôa-se de galas triumphaes e pompeia o esplendor de manifestações alacres; nas suas ruas, extensas e rectilineas, palpitam flammulas e galhardêtes multicôres por sobre a população rejubilante; na limpida serenidade da manhã tropical rebôa o trom profundo das salvas e rasgam o ambiente as sonoridades rubras de hymnos marciaes: um grupo selecto de extremados patriotas, tendo á frente a personalidade captivante e sympathica do sabio Barão de Studart, celebra ali o tricentesimo anniversario da chegada dos primeiros portuguezes ao Ceará.

Louvabilissima a idéa de semelhante commemoração, traduzindo o celso designio de perpetuar a data inaugural da vida historica do futuroso Estado nortista e relembrar o seu primeiro contacto com a civilisação occidental; benemeritos os cidadãos illustres que a promoveram e logram vêl-a realisada com tão singular brilhantismo: o seu generoro esforço deve tambem entre nós despertar legitimo interesse.

O descobrimento do Ceará é um facto intimamente vinculado aos nossos fastos coloniaes, e na fulgurancia das festas cearenses de hoje ha um vivo lampejar da immorredoura gloria pernambucana.

Não foram antepassados nossos os civilisadores por excellencia de toda a vasta zona littoranea, que da fóz do S. Francisco se dilata até o estuario amplissimo do Amazonas?

Não foi d'alli, dos alcandorados outeiros de Olinda, que por todo o Brazil Oriental, e muito mais além, dimanou, no seculo da conquista, o progresso europeu?

Consumidos quasi cincoenta annos em lutas de exterminio contra o incola ferocissimo, garantida emfim a tranquillidade domestica e assegurado o desenvolvimento material da *Nova-Luzitania*, os successores de Duarte Coelho logo se agitaram movidos da ambição de novas emprezas e iniciaram o periodo fecundo das explorações das desconhecidas regiões vizinhas—impellia-os a força incoercivel do pendor natural a que o ethnologo allemão Ratzel denominou acertadamente de «expansão peripherica.»

Não havendo mais indios a combater nos dominios costeiros da capitania, vingaram as suas fronteiras e penetraram ouzadamente para o norte.

A' semelhança dos avoengos d'ultramar—quando na peninsula iberica os montantes christãos ainda chispavam ao embate dos alfanges islamnistas e a sombra do crescente ainda se projectova igual á da cruz—elles organisaram frequentes correrias em terras de gentes, dilatando de dia a dia a esphera da acção portugueza.

Para estas expedições temerarias concorria com alvoroço bellico a gente mais grada da colonia. Determinado o intuito, obtida a indispensavel licença do governador-geral e designado o chefe, cuidava-se no apresto das munições e dos mantimentos, reuniam-se os soldados pagos e voluntarios, dividiam-se as unidades tacticas e nomeavam-se os officiaes.

No dia aprasado, celebradas as cerimonias religiosas, a *entrada* encetava a marcha, rumo do desconhecido.

A chusma desnuda e ruidosa dos auxiliares indigenas envolvia, qual tosca moldura, o valoroso nucleo expedicionario; no centro destacava-se o troço dos alabardeiros e piqueiros, protegidos pelas exparsas fileiras de arcabuseiros; aos flancos e á vanguarda viam-se os airosos cavalleiros voluntarios—a flôr da nobreza olindense—montando ardigos ginetes andaluzes, ferrados de prata e ajaezados de sedas custosas.

Mas, logo adiante urgia alterar esta formatura classica: a espessura das mattas interminas obrigava os expedicionarios a imitar os guerreiros indigenas, e o exercito se desdobrava numa extensa fila singela colleando vagarosamente pelas estreitas picadas abertas a machado no seio da floresta virgem. E não tardava a marcha em transformar-se num constante pelejar: o inimigo salteava a columna sem descanço. Nada, porém, conseguia quebrantar o animo indomito dos invasores e, quando os esculcas traziam a nova alviçareira de estar proxima uma *cerca*, ou aldeia fortificada, esqueciam-se as fadigas e as feridas, dominados duma jovialidade feroz todos corriam ao assalto, certos de que á acommettida seguia-se fatalmente a victoria.

E foi assim, pelejando de sol a sol, obrando prodigios de valor e de energia, lutando um contra cem, que os pernambucanos delia trezentos annos conquistaram a Parahyba e o Rio Grande do Norte, e foi assim tambem que levaram ao Ceará os germens da sua evolução cultural.

Esta *entrada* foi planeada em Olinda sob os auspicios do Governador-Geral Diogo Botelho, então de passagem em Pernambuco, e por iniciativa dum audaz aventureiro, Pero Coelho de Souza, muito affeito a semelhantes commettimentos.

Acautelando-se contra a falta de viveres, enviou tres barcos com mantimentos que o fossem aguardar no rio Jaguaribe, e concentrou a sua gente na Parahyba, donde

partio nos primeiros dias de Julho de 1603. Era reduzido o numero dos conquistadores—apenas sessenta e cinco soldados e duzentos indios frecheiros—mas, iam *tam cheos todos de alegres esperanças que nenhum duvidava da felicidade do successo*, affirma um velho chronista.

Ao optimismo da espectativa não correspondeu, é certo, a realidade das vicissitudes crueis que experimentaram depois; comtudo, refeitos com os soccorros levados pelos barcos—opportunamente encontrados no logar combinado—avançaram alem e, deparando da parte dos indigenas com evidentes demonstrações de amisade, chegaram, sem maiores tropeços, ao *rio Ceará*.

E esta é a data consagrada como assignalando a ida dos primeiros portuguezes á legendaria terra de Alencar e hoje ali solemnisada.

Nas tribulações posteriores de Pero Coelho e seus companheiros, bem como sua segunda e igualmente infeliz expedição ao Ceará, não é agora occasião de nos demorarmos.

Nestas linhas quizemos tão somente destacar o aspecto particular sob o qual, a nós pernambucanos, se nos apresenta o acontecimento cearense, e traduzir os nossos vehementes applausos aos benemeritos promotores da sua commemoração.

ALFREDO DE CARVALHO.